

Fausto Viana e Carolina Bassi de Moura (org.)

Dos bastidores eu vejo o mundo:
cenografia, figurino, maquiagem
e mais

volume IV

DOI 10.116060/9786588640074

São Paulo
ECA - USP
2020


ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO


NÚCLEO DE PESQUISA
TRAJE DE CENA
INDUMENTÁRIA E TECNOLOGIA

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Escola de Comunicações e Artes

Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Vice-diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária

CEP-05508-020

Organização: Fausto Viana e Carolina Bassi de Moura

Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Imagem da capa: Vera Cristina Athayde
(ver Ensaio fotográfico dela nesta edição)

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

D722 Dos bastidores eu vejo o mundo [recurso eletrônico] : cenografia, figurino, maquiagem e mais : vol. IV / organização Fausto Viana, Carolina Bassi de Moura. – São Paulo: ECA-USP, 2020.
427 p. : il.

ISBN 978-65-88640-07-4
DOI 10.11606/9786588640074

1. Figurino. 2. Teatro. 3. Festas folclóricas. 4. Cenografia. 5. Maquiagem I. Viana, Fausto. II. Moura, Carolina Bassi de.

CDD 21. ed. – 792.026

Elaborado por: Lillian Viana CRB-8/8308



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

APRESENTAÇÃO

Fausto Viana e Carolina Bassi de Moura

O volume IV de **Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais** surgiu em meio à pandemia que marcou, talvez de forma permanente, o ano de 2020. Foi um ano muito triste, marcado pelo descaso político e pela frieza com que toda a população brasileira foi tratada.

Mas vale evocar o ditado popular: “Não há bem que dure pouco, e não há mal que não se acabe!” Finda a borrasca – ainda que nós não saibamos quando isso vai acontecer, e escrevemos em outubro de 2020 – há de vir a bonança! E com ela, as festas, as comemorações, as celebrações, os abraços, as danças e a alegria de viver, passando por cima de todas as adversidades.

Nossa edição veio justamente para celebrar uma das coisas mais bonitas que nasce no meio do povo, das massas: as festas, os folguedos populares. Não é um tema novo para nós, mas é, acima de tudo, um tema pelo qual continuamos muito curiosos no Núcleo de traje de cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo. Fica também patente, com esta edição, o quanto ainda não sabemos sobre o tema folguedos populares – e sempre é bom ter um lampejo de lucidez e perceber que, na verdade, nós sabemos muito pouco acerca de tudo.

Confessar nossa ignorância abriu espaço para que outros pudessem se pronunciar e, como uma andorinha sozinha não faz verão, lançamos a chamada para textos com a temática “folguedos populares”. O retorno não poderia ter sido melhor: recebemos textos da Bahia, do Pará, de Sergipe, do Rio de Janeiro, de São Paulo e os assuntos abrangeram ainda outros estados: Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Pernambuco. Alguns autores já estiveram conosco em outras jornadas, e outros fazem aqui a sua estreia: nosso desejo é que as boas parcerias se renovem sempre, recheadas de amor, confiança e apoio.

são dez capítulos, oito entrevistas e três ensaios fotográficos: cada uma traz uma oportunidade de aprendizagem. Mestre Tina, do Cavalo-Marinho Infantil Sementes de João do Boi deu o exemplo: quando **Tainá Macedo Vasconcelos** perguntou porque o brincante do cavalo-marinho pintava o rosto de negro, ela disse: “Eu já ouvi muita história, mas não sei de muita coisa não”, e passou para Mestre Naldinho - que esclareceu a questão. Veja lá em Entrevistas!

O cavalo-marinho foi bastante citado, mas o Carnaval - como era de se esperar - foi o recordista de propostas.

Carolina Bassi de Moura entrevistou o tataraneto de Tia Ciata, Nilson Moreira, sobre a importância desta baiana para o Carnaval carioca e brasileiro e também resgatou em artigo o trabalho de Cecília Meireles no livro *Batuque, Samba e Macumba* que contém incríveis aquarelas pintadas entre 1926 e 1934 pela escritora e poetisa, com a temática traje de baiana. Este mesmo tema serviu para que **Maria Eduarda Andreazzi Borges** nos revelasse mais sobre o traje de baiana, nos dias de hoje - não só sobre o traje de desfile, mas aqueles utilizados em diversas outras situações dentro da escola de samba pelas Tias.

O traje de Carnaval - e de quebra, muitas informações sobre o universo das escolas de samba - foi o tema da conversa-entrevista-palestra de **Fausto Viana** com Sidnei França, carnavalesco da escola de samba Águias de Ouro, vencedor do Carnaval 2020 da cidade de São Paulo. **Adriana Corrêa** entrevistou Lira Ribas, conversando sobre a transformação estética do Bloco Corte Devassa, de Belo Horizonte. **Paula A. Martins** tratou da nudez como traje de folguedo ao abordar o bloco feminista Vaca Profana, que subverteu a nudez feminina no carnaval pelo ponto de vista com que foi usada. A temática carnavalesca ainda inspirou um dos nossos fotógrafos, **Andrés Morales**, a apresentar o ensaio fotográfico O Maracatu Rural. **Tainá Macedo** nos contou histórias impressionantes sobre o Maracatu de Baque Solto, marca registrada de Pernambuco, construindo um panorama

histórico sobre o tema e trouxe também um registro fotográfico para a exposição *Festa Brasileira – Fantasia feita a mão* realizada no Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), no Rio de Janeiro, em 2018.

Graziela Baena nos trouxe um artigo em que conta um pouco de sua pesquisa sobre o “traje estampado” ou “traje das esmolações” usado pelos membros da Irmandade de São Benedito, no Pará, e uma entrevista com a mestra chapeleira, D. Teresa O’Grady, que nos contou tudo sobre sua arte com chapéus, da mesma irmandade.

Refletindo parte da diversidade que o tema traje de folgado inspira, **Maria Celina Gil** nos mostrou a pilcha, traje típico da região dos Pampas, no Rio Grande do Sul e que traz uma particularidade – não participa apenas das festas populares, mas também de situações sociais. **Anna Thereza Küll** nos levou à cidade de Campinas, interior de São Paulo, e nos apresentou o Grupo de folgado Urucungos, Puítas e Quijengues que, embora recente, veio para resgatar e preservar a memória do interior paulista. **Renata Cardoso** desvelou os processos criativos e de execução dos figurinos das quadrilhas de São João, através do trabalho da Quadrilha Traque de Massa, em Pernambuco. **Ricardo Bessa** apresenta os trajes penitenciais das irmandades de Barbalha, no Ceará, desde os primórdios, quando havia o autoflagelo, até os dias atuais.

Ainda em Entrevistas, **Fausto Viana** e **Maria Cecília Amaral** entrevistaram a múltipla **Vera Cristina Athayde** – educadora, pesquisadora, dançarina e fotógrafa pernambucana que tem muito a nos contar sobre os trajes de folgado que fizeram parte de sua trajetória. Ela, como complemento e uma amostra do seu trabalho, nos ofereceu o ensaio fotográfico sobre diversos folguedos no trânsito Brasil-Cuba, que batizou de *Entre o sol e as lantejoulas*.

Adriana França e **Maria Cecília Amaral** entrevistaram o ator **Marcelo Veronez** sobre os figurinos do espetáculo *O Auto da Compadecida*, do Grupo **Maria Cutia**, encenado por **Gabriel Villela** e **Sandra Pestana** entrevistou o arte-educador

Cleydson Catarina, sobre seu cotidiano no fazer artístico e sua trajetória pessoal na arte dos folguedos.

Felisberto Sabino da Costa, especialmente convidado para esta edição, apresentou um texto sobre a relação entre máscara e figurino a partir dos folguedos do bumba-meu-boi e do cavalo-marinho. Recomendamos fortemente a leitura cuidadosa deste artigo, pois trata de quando o traje opera como máscara – mas como mascaramento corporal.

É isso. Como se vê, a ignorância apoiada pelo desejo do conhecimento, nos trouxe muitas coisas boas. Nós podemos até não saber – mas conhecemos gente que sabe, e *eita povo danado* para fazer a diferença.

Que assim continue em *Dos bastidores eu vejo o mundo* volumes 7, 15, 39, 77, 90!...

Boa leitura!